

A REVOLUÇÃO COPERNICANA DE KANT ENQUANTO CONTRAPONTO AO MATERIALISMO

Kant's Copernican revolution as opposed to materialism

Fábio Scherer

schererfabio@hotmail.com

Resumo: Será objeto deste artigo a retomada do ponto de partida do pensamento crítico de Kant, realizada pelo neokantiano Friedrich Albert Lange, enquanto âncora para a crítica ao materialismo alemão da segunda metade do século XIX. Iniciarei o artigo com algumas considerações sobre Lange como teórico do conhecimento e sua recepção entre os filósofos alemães; em seguida, tratarei do materialismo e dos fundamentos da revolução copernicana operada por Kant; por fim, abordarei a natureza dos princípios da matemática em contraposição à concepção materialista de conhecimento. As segunda e terceira etapas são inerentes à problemática proposta. A primeira etapa visa cumprir a função de contextualizar Lange ao leitor, posto que, após a subida do nazismo alemão ao poder e a Segunda Guerra Mundial, ele deixou de ocupar uma posição notável entre os pesquisadores europeus de filosofia, sendo atualmente pouco citado.

Palavras-chave: materialismo; apriorismo; método; organização físico-psíquica.

Abstract: The object of this article is to retake the starting point of Kant's critical thinking held by neo-Kantian Friedrich Albert Lange, as anchor for the criticism of the German materialism of the second half of the nineteenth century. The article starts with some thoughts about Lange, as a contributor to the theoretical knowledge and his acceptance among German philosophers; then it will be analyzed the materialism and the foundations of the Copernican revolution performed by Kant; finally, it will be discussed the nature of the principles of Mathematics as opposed to the materialist concept of knowledge. The second and third steps are involved in the problematic proposal. The first stage aims to contextualize Lange, since, after the rise of German Nazism to power and the World War II, he ceased to occupy a remarkable position among European researchers in philosophy, being currently little mentioned.

Keywords: materialism; apriorism; method; physical and mental organization.

Introdução

O ponto de vista fundamental do filósofo de Königsberg, segundo Friedrich Albert Lange (1875, 1), não havia ainda sido superado até o último quarto do século XIX. O que havia eram mal-entendidos e abusos na interpretação da filosofia especulativa kantiana, feitos por indivíduos isolados ou escolas inteiras. A decorrente ilusão havia conduzido a filosofia novamente ao estágio anterior ao criticismo, habitado pelo materialismo. Neste quadro, Lange recorre aos pressupostos kantianos para criticar a pretensão do materialismo das ciências naturais de sua época de tornar o método

mecânico-físico num método universal da ciência. Em especial, opõe-se ao emprego deste método para explicar os elementos que estão além do campo das ciências naturais, como os da filosofia: da teoria do conhecimento, da teoria da história, da filosofia da religião e da ética. Tal materialismo teria sido praticado por Carl Vogt (1817-1895), Jacob Moleschott (1822-1893), Heinrich Czolbe (1819-1873) e Ludwig Büchner (1824-1899).

É através de uma leitura não ortodoxa da filosofia transcendental de Kant, imbuída da finalidade de edificar e aperfeiçoar a filosofia kantiana com os meios da nova ciência — em especial, com a fisiologia dos sentidos — e torná-la próxima e compreensível, que o precursor da escola neokantiana de Marburgo busca combater o materialismo; lançando novas luzes para a teoria do conhecimento, para a filosofia social e outras áreas do conhecimento. Neste artigo, me limitarei a investigar a retomada de Lange da revolução na relação sujeito-objeto operada por Kant na *Crítica da razão pura* enquanto contraponto à concepção materialista das ciências naturais alemãs em voga na segunda metade do século XIX¹, tal como exposta na segunda edição da obra *História do materialismo e crítica do seu significado na atualidade* (1873-5)².

1. Lange enquanto teórico do conhecimento

Dentre os escritos dedicados por Friedrich Albert Lange (1824-1875)³ à teoria do conhecimento se destacou *História do materialismo*, na qual o autor tinha como objetivo inicial e geral aguçar alguns pontos cardinais na discussão do materialismo de sua época (cf. Lange, 1866, III)⁴. Este livro começou a ser redigido em 1857⁵, em 1863

¹ A presente pesquisa é parte de um projeto mais amplo, em que se busca sublinhar na filosofia social de Lange os pontos de divergência e os de continuidade da teoria kantiana do conhecimento — presente na concepção langeriana de “mundo dos aparecimentos” — e, posteriormente, destacar as aproximações possíveis entre a concepção reformista kantiana de Estado e a de Lange.

² Por uma questão de economia textual, passo a me referir a essa obra de Lange por *História do materialismo*.

³ Para detalhes biográficos sobre Lange, veja: Ellissen, 1894, 1-218; Cohen, 1902, V-XIII; Bernstein, 1892, 68-78.

⁴ No campo da teoria do conhecimento vale citar ainda os escritos: *O fundamento da psicologia matemática: uma tentativa de demonstração do erro fundamental de Herbart e Drobisch* (1865) e *Estudos lógicos: uma contribuição para a nova fundamentação da lógica formal e da teoria do conhecimento* (1877). O primeiro texto é oriundo da preparação de Lange para a sua *Habilitation* na Universidade de Bonn, em 1855, e que, mais tarde, foi revisado, expandido e publicado (cf. Ellissen, 1894, 245-6). O escrito *Estudos lógicos* havia sido planejado para ter dois volumes. O primeiro volume começou a ser escrito por volta de 1870 (antes da revisão da *História do materialismo*) e foi entregue pronto para publicação a Hermann Cohen (três semanas antes do falecimento de Lange). Do segundo volume há somente um esboço de conteúdo, publicado no prefácio do primeiro volume. Sobre a recepção

estava pronta uma primeira versão e, em 1866 o texto, final foi publicado. Anos mais tarde esse livro foi revisado, com objetivo de uma maior precisão e cientificidade, sendo também consideravelmente ampliado, com inclusão de anotações extensas e muitas complementações, principalmente no que se refere ao materialismo nas ciências naturais do século XIX. A análise da filosofia kantiana encontra-se no primeiro capítulo do segundo livro, tanto da primeira (1866) quanto da segunda edição (1875). Esta análise sobre Kant é a mais extensa e sistemática feita por Lange.

Segundo Berdjajev, com exceção da obra *O mundo como vontade e representação* (1819/1844) de Schopenhauer, “não houve ainda nenhum livro alemão de filosofia que tenha tido tal sucesso [até 1900] e que também tenha sido lido por tantos leigos, como a *História do materialismo*” (Berdjajev, 1900, 134). Na introdução à terceira edição da tradução inglesa dessa obra, Bertrand Russell a descreve enquanto “um trabalho monumental de grande valor para todos aqueles que procuram saber o que foi dito em defesa do materialismo, e por que esses filósofos, no geral, não convenceram” (Russell, 1925, v). Já Klaus Köhnke, autor do livro *Gênese e ascensão do neokantismo*, afirma que a *História do materialismo* foi “uma das mais importantes, sobretudo a mais lida de todo o neokantismo, sendo através dela que Lange tornou-se o mais significativo entre todos os primeiros neokantianos” (Köhnke, 1986, 233). A influência de Lange foi além dos muros da Universidade Marburgo. Muitos dos conceitos e concepções presentes em Friedrich Nietzsche são oriundos da leitura da obra de Lange, de acordo com os trabalhos de Hans Vaihinger (1911), Salaquarda (1978), Stack (1983 e 1991) e Sieg (1994). Max Weber, segundo Jacobsen (1999), foi também fortemente influenciado por Lange. Outro adepto das posições langerianas foi Hans Vaihinger, autor do livro *A filosofia do como se* (1911) e fundador da *Kant-Studien* (1897) e da *Kant-Gesellschaft* (1904).

do escrito póstumo de lógica de Lange, consulte Ellissen, 1894, 248-9. Para referência sobre resenhas deste escrito de Lange, veja Sieg, 1944, 93.

⁵ Neste ano, Lange ofereceu, na universidade de Bonn, um curso sobre o significado filosófico e científico do materialismo, sob uma perspectiva predominantemente histórica. O curso terminou com a análise do livro “Sistema da natureza” do filósofo francês Paul-Henri Thiry, conhecido como Barão d’Holbach (1723-1789). No período seguinte, sob influência da crítica kantiana do conhecimento e de alguns estudos da ciência da natureza, as questões sistemáticas-filosóficas ganharam maior importância para Lange.

O interesse pela obra maior de Lange foi grande até a década de 30 do século XX, sendo que entre 1865 e 1926 haviam sido publicadas quinze edições em alemão⁶, além das traduções para outras línguas – entre elas, estão a inglesa, a francesa, a italiana, a espanhola e a portuguesa⁷. Após este período houve um intervalo de quase cinquenta anos nas edições alemãs da *História do materialismo*, até ser novamente publicada em 1974 (cf. Freimuth, 1995, 1; Sass, 189, n. 2). Atualmente é possível encontrar algumas reimpressões da segunda edição no mercado editorial.

O pensamento filosófico de Lange pode ser dividido em antes e após a segunda metade da década de 60. Uma descrição suscita e ilustrativa do primeiro momento pode ser encontrado na carta de Lange, de 1858, ao seu amigo Kambli:

Eu considero o sistema hegeliano um regresso na escolástica, do qual nós estamos agora efetivamente livre. Herbart, com quem aderi no começo, foi para mim somente uma ponte a Kant, até aonde muitos dos pesquisadores de referência retornam, para terminar onde possível, o que Kant fez somente pela metade: eliminar a metafísica. Eu considero toda metafísica uma forma de delírio, somente autorizável estética e subjetivamente. Minha lógica é o cálculo de probabilidade, minha ética é a estatística moral, minha psicologia se apoia inteiramente sobre a fisiologia; eu procuro, em uma palavra, me mover somente nas ciências exatas (Ellissen, 1894, 106).

Há uma semelhança da posição de Lange com a concepção positivista de ciência, a qual (semelhança) se faz mais latente no âmbito do conhecimento das leis da natureza. Esse pano de fundo se fará presente na redação da primeira edição da *História do materialismo*, inclusive em sua análise da filosofia especulativa kantiana — à medida que procede esta análise a partir de alguns resultados alcançados na fisiologia dos órgãos dos sentidos. Posteriormente, na década de 70, por ocasião da segunda edição da *História do materialismo*, Lange relativiza sua posição, sob a influência do

⁶ Nove edições foram lançadas pela editora que originalmente publicou o livro (Verlag von J. Baedeker, Leipzig) e seis edições foram publicadas por outras editoras (de Leipzig e de Berlin).

⁷ Todas traduções supracitadas são da segunda edição da *História do materialismo*. A tradução francesa, realizada por B. Pommerol, foi publicada em dois volumes, respectivamente, em 1877 e 1879. A tradução inglês, feita por Ernest Chester Thomas entre 1877 e 1881, foi lançada em três volumes (vol. I em 1877, vol. II em 1890 e vol. III em 1892). Bertrand Russel escreveu a introdução à terceira edição da tradução (publicada em 1925 e reimpressa em 1950) da *História do materialismo*. Já a tradução espanhola, de Vicente Colorado, foi publicada em 1903. Em 1943 foi lançada a tradução portuguesa, de Lôbo Vilela, em dois volumes, os quais abarcam somente o primeiro volume da *História do materialismo*. Não há ainda a tradução do segundo volume para o português.

livro de Hermann Cohen, *Teoria da experiência de Kant* (1871), adotando uma posição, no domínio das leis da natureza, mais próxima de um idealismo crítico⁸.

Quanto à aproximação de Lange a Kant, há que se mencionar, seguindo Vaihinger e Ellissen (1894, 245), que a declaração de Lange (no início do segundo livro da segunda edição de *História do materialismo*) de que o estudo de Schopenhauer tenha servido para muitas cabeças inteligentes como um trampolim para Kant (Lange, 1875, 2), se aplica também ao próprio Lange⁹. Além de Herbart e Schopenhauer, o seu amigo Friedrich Überweg teria também contribuído na introdução de Lange na filosofia kantiana (Sieg, 1994, 87). Por sua obra e vida, conforme Hermann Cohen, uma apropriada qualificação de Lange, inclusive, de como ele próprio gostaria de ser lembrado, seria enquanto um apóstolo da concepção kantiana de mundo (Cohen, 1902, VIII).

2. Materialismo e os fundamentos da revolução copernicana operada por Kant

O materialismo surgiu com força em 1850 na Alemanha, em um período em que o prestígio das ciências naturais aumentava, decorrente das conquistas destas últimas no campo científico, bem como das remodelações e facilidades por elas introduzidas no cotidiano da população. A concepção materialista ganhou espaço primeiro entre os pesquisadores das ciências naturais e posteriormente espalhou-se por outros campos do saber. Logo também encontrou resistência, invocada em nome dos “mais nobres valores da cultura ocidental” (Bayertz, Gerhard e Jaeschke, 2012, XII-XVI). A polêmica envolveu pesquisadores das ciências naturais (como Carl Vogt, Rudolph Wagner, Matthias Jakob Schleiden e Jacob Henle), médicos (como Ludwig Büchner e Heinrich Czolbe), filósofos (como Ludwig Feuerbach, Immanuel Hermann Fichte, Karl Philipp Fischer e Friedrich Albert Lange), teólogos (como Jakob

⁸ A obra de Cohen, de 1871, suscitará algumas mudanças na interpretação de Lange sobre os pressupostos da filosofia transcendental com relação à primeira edição, mas não o suficiente para Cohen, como aponta na segunda edição de seu livro *Teoria da experiência de Kant* (1885, 410 ss e 615 ss). Outras obras importantes para modificação do ponto de vista de Lange foram as de Carl Twisten (*Schiller em sua relação com a ciência*, de 1863) e de Emil Arnoldt (*A idealidade transcendental kantiana do espaço e do tempo. Por Kant, contra Trendelenburg*, de 1870).

⁹ Não obstante, Lange não reserva um lugar para filosofia de Schopenhauer em seu livro *História do materialismo*, por considerá-la um decisivo retrocesso para trás de Kant, à medida que as questões básicas não são decididas onde se encontra a grande linha divisória entre a velha metafísica e uma livre, com a crítica apaziguada, poesia de conceitos (Lange, 1866, V). Críticas pontuais de Lange à filosofia de Schopenhauer podem ser encontradas tanto na primeira (Lange, 1866, 298-9) quanto na segunda edição (Lange, 1875, 60 e 81).

Frohschammer) e muitos outros. Concomitantemente a essa discussão inicia-se na Alemanha um movimento de retorno a Kant, no qual movimento se destaca a obra *História do materialismo* de Lange, de 1866.

Nos círculos filosóficos alemães passou-se a defender o regresso a Kant, após o recuo do “romantismo conceitual” da filosofia natural de Fichte, e, sobretudo de Hegel (Lange, 1875, 1). No entanto, somente a partir de 1860 essa recomendação começou a trazer resultados, com o surgimento de publicações que buscam explicitar que o ponto de vista fundamental do filósofo de Königsberg ainda não havia sido superado. Um exemplo emblemático é o livro *Kant e os epígonos* (1865), de Otto Liebmann, que termina quatro dos cinco capítulos com a expressão: “deve-se retornar a Kant”¹⁰. Já na década 70 começam a surgir os estudos detalhados da terminologia de Kant, que procuram, através da determinação precisa dos conceitos, o sentido profundo da filosofia kantiana. Em 1875, na segunda edição do segundo volume da *História do materialismo*, a importância de Kant para a filosofia da época é largamente aceita, como atesta Lange, ao afirmar que a posição de destaque que atribuiu a Kant na primeira edição — ao dividir a investigação sobre o materialismo em “antes” e “depois de Kant” — necessita agora de menor justificação.

Os mal-entendidos e o ímpeto quantitativo de escrever teriam favorecido, conforme Lange (1875, 1), o rompimento dos rigorosos limites que Kant havia imposto à especulação. O desencantamento que se seguiu à vertigem metafísica teria contribuído ainda mais para o regresso ao materialismo, que havia praticamente desaparecido com a entrada em cena de Kant. Somado a isso, há outro fator que impulsiona o trabalho de Lange. Na Alemanha da segunda metade do século XIX, as referências a Kant, tanto a sua filosofia especulativa quanto a sua filosofia prática, enquanto ferramenta de desconstrução da concepção materialista, tornavam-se cada vez mais comum, inclusive entre os pesquisadores das ciências naturais. Todavia, nem sempre os que propunham apresentar a filosofia kantiana, o faziam, segundo Lange, sem prejuízos ao próprio Kant e, conseqüentemente, em favor do materialismo. É neste contexto que Lange se propõe a fazer uma análise da filosofia kantiana. A finalidade é clarificar alguns pontos

¹⁰ O primeiro capítulo é dedicado a apresentação da doutrina principal e do erro principal de Kant e, os demais quatro capítulos são dedicados analisar os pressupostos das correntes sucessoras a Kant, a saber, a direção idealista de Fichte, Schelling e Hegel; a direção realista de Herbart; a direção empirista de Jakob Friedrich Fries e, a direção transcendente de Schopenhauer. Com exceção do primeiro capítulo, os demais terminam indicando a necessidade de retornar a Kant.

cardinais na questão do materialismo e, assim, apresentar a ele uma crítica “definitiva” (Lange, 1866, III). No entanto, para essa tarefa, que Kant pretende Lange retomar? Onde encontrar-se-ia a contribuição fundamental de Kant?

Segundo Lange, para as questões do materialismo, Kant é mais significativo através das remodelações de sua época — as quais o seu pensamento fundamental admite — do que da forma rígida do seu sistema, de modo que o kantismo ortodoxo teria pouco a contribuir (Lange, 1875, 2). Por outro lado, Lange defende que a saída contra o materialismo não se encontra na filosofia prática, como havia sugerido, por exemplo, Schleiden, em seu livro *Sobre o materialismo da nova ciência natural alemã, seu significado e sua história* (1863), ao comparar Kant, Fries e Apelt com Kepler, Newton e Laplace, e afirmar que, através dos trabalhos desses filósofos, as ideias de “alma, liberdade, Deus” haviam sido tão bem fixadas quanto às leis do movimento das estrelas (Lange, 1875, 2). De acordo com Lange, tal dogmatismo é estranho ao espírito da “crítica da razão”, ainda que Kant tenha dado pessoalmente um grande valor a tais ideias ao afastá-las da disputa acadêmica, colocando-as na filosofia prática, enquanto totalmente inconcebível de uma prova negativa ou positiva. Todavia, conforme Lange, a filosofia prática é a parte mais modificável e perecível da filosofia kantiana. Somente o lugar é imperecível, mas não a própria prova deste lugar (enquanto refúgio para a construção do sistema ético) e o edifício que Kant ergueu sobre esse terreno. Pelo contrário, a grande reforma kantiana deveria ser procurada em sua crítica a razão especulativa, mais especificamente, no ponto de partida do seu pensamento crítico¹¹.

Para Lange, Kant estava longe de se comparar com Kepler, mas ele fez outra comparação que é mais significativa e consistente. Kant comparou o seu feito, o de inverter o prisma vigente da metafísica, com Copérnico¹²; que teria ousado ao procurar os movimentos observados, por mais paradoxal que poderia ser, não nos objetos celestes, mas no seu observador. Não menos paradoxal deve ter sido para o espírito dos

¹¹ No início da primeira edição do segundo volume da *História do materialismo* (suprimida da segunda edição), Lange afirma que “nós veremos muito mais aqui como unicamente os pensamentos fundamentais de Kant, ou mais precisamente, o ponto de partida do seu pensar crítico está fazendo época, ao qual se atribuirá significado válido em todos os tempos. Por outro lado, o desdobramento deste sistema se diferenciaria da arquitetura conceitual aérea da maioria dos filósofos alemães somente através de uma estrutura um pouco mais sólida” (Lange, 1866, 233).

¹² Na demonstração da teoria heliocêntrica desempenharam um papel de destaque: Copérnico, Kepler e Newton. Lange faz referência ao papel de Newton na explicação física da teoria heliocêntrica. Mais tarde, Hermann Cohen irá destacar a importância de Newton para a filosofia crítica kantiana. Outros neokantianos irão segui-lo.

homens, quando Kant inverte toda a experiência com a simples pressuposição de que “os conceitos não devem se orientar pelos objetos, mas os objetos conforme nossos conceitos” (Lange, 1875, 3). Donde decorre, seguindo Lange, que os objetos da experiência são somente nossos objetos; que toda a objetividade não é a objetividade absoluta, porém, uma objetividade para os seres humanos e seres similares; e que, atrás do mundo do aparecimento, se esconde a coisa-em-si. Expor detalhadamente como Kant desenvolve esse pensamento, tal como fez, por exemplo, Hermann Cohen em seu livro *Teoria da experiência de Kant* (1871), não é objeto de Lange. Antes ele pretende analisar como a concepção materialista se configura a partir da revolução copernicana operada por Kant.

Com a frase “o materialismo é tão antigo quando a filosofia, mas não mais antigo do que ela” (Lange, 1873, 3), Lange inicia o primeiro volume de sua obra maior. Essa afirmação introdutória é direcionada, por um lado, contra os depreciadores do materialismo, que veem nessa concepção do mundo uma oposição ao pensar filosófico, esvaziando-a de qualquer significado científico e, por outro lado, contra aqueles materialistas que, por seu turno, dão pouca importância à filosofia e imaginam que a sua concepção de mundo não é resultado de uma especulação filosófica, porém, de resultados empíricos, de uma razão saudável e das ciências naturais (Lange, 1873, n. 1, 123). Segundo o intérprete, a concepção materialista não deve ser menosprezada. Ela esteve sempre presente na história da filosofia, com seus altos e baixos, ressurgindo, muitas vezes, das cinzas.

Uma das mais frequentes e fortes críticas ao materialismo é decorrente de sua dificuldade de explicar a consciência por processos materiais, em que “a relação do movimento externo para a sensação fica inconcebível, e contém uma contradição, a qual fica tão mais nítida quanto mais perto se está” (Lange, 1875, 3-4). Todavia, por outro lado, o problema é de que todos os sistemas, conforme Lange, que se conduziram na luta contra o materialismo, seja de Descartes, de Spinoza, de Leibniz, de Wolff ou de Aristóteles, contém a mesma dificuldade, e provavelmente outras dezenas piores. Não obstante, há um princípio, para Lange, apresentado em distintas formas no decorrer da história da filosofia, contra o qual (princípio) o materialismo não tem defesa, a saber, “o homem é a medida das coisas”. Esse princípio, inicialmente formulado por Protágoras e,

mais tarde, adaptado por muitos outros, teria levado muitos a se afastarem do materialismo, como o bispo Berkeley e o matemático D'Alembert.

De acordo com Lange, em lato sentido, os resultados recentes da fisiologia dos órgãos dos sentidos reforçam esse princípio, à medida que afastam a dúvida sobre a realidade de mundo dos aparecimentos. Ao se provar que a qualidade de nossa percepção sensorial depende das propriedades de nossos órgãos, torna-se razoável pensar que o próprio contexto em que a percepção sensorial ocorre, isto é, toda a experiência, é condicionada por nossa organização intelectual (*geistigen*), que “nos obriga a experimentar, como nos experimentamos, de pensar como nós pensamos, e que indica que os mesmos objetos podem aparecer de forma distinta para outra organização e a coisa-em-si não pode ser representada por nenhum ser finito” (Lange, 1875, 5). Esse princípio teria ganhado uma determinação própria com Kant, que foi para além desses filósofos, os quais se limitaram a demonstrar que os mundos dos aparecimentos seria um produto de nossa representação. Em suma, enquanto procuravam provar que o mundo dos aparecimentos não nos mostra a coisa-em-si, Kant estava de acordo. Entretanto, tão logo eles pretenderam ensinar sobre o mundo das coisas puras ou colocar esse conhecimento no lugar das ciências empíricas, Kant se opôs.

Foi um cético, segundo Lange, que retirou Kant do caminho ordinário da sabedoria escolar alemã, levando-o para a direção, na qual, anos mais tarde, publicaria a *Crítica da razão pura*. Com David Hume, Kant teria acordado do sono dogmático, assim como conhecido, pelo menos em amplo sentido, o materialismo. Conforme Lange, Hume estava em sua forma de pensar tão próximo do materialismo quanto um cético poderia estar, como, por exemplo, ao afirmar que a transição do movimento espacial para o representar e o pensar é inexplicável (Lange, 1875, 6-9). Se o materialismo generalizasse essa proposição da inexplicabilidade para todos os eventos da natureza, segundo o intérprete neokantiano, ele deixaria de ser um princípio filósofo, mas ele poderia ainda subsistir enquanto uma máxima para pesquisa científica específica. Essa era, na opinião de Lange, a posição da maioria dos seus contemporâneos materialistas. Eles eram essencialmente céticos. Eles não acreditavam mais que a matéria, tal como aparece aos nossos sentidos, contenha a solução de todos os segredos da natureza, porém, procediam como se assim fosse e esperavam que, através de resultados das ciências positivas, fossem compelidos a adotar outras hipóteses.

Segundo Lange, Kant teria reconhecido enquanto legítimos esses dois estágios anteriores à filosofia crítica: o materialismo e o ceticismo; sendo que o primeiro, por ser de fácil apreensão, poderia ser pernicioso para o grande público; e, o segundo, por ser de difícil compreensão, deveria ficar restrito ao âmbito das escolas. Não houve, para Lange, sistemas filosóficos que Kant tenha mais criticado do que ambos. Todavia, eles foram úteis, assim como também foi o idealismo ordinário para a determinação do idealismo transcendental. O idealismo ordinário, conforme Kant, se guia, desde a escola eleática até o bispo Berkeley, pela fórmula: “todo o conhecimento através dos sentidos e da experiência não é nada mais do que aparência, e somente nas ideias do entendimento puro e da razão há verdade” (*Prol 4*: 374). O idealismo kantiano se contrapõe também fortemente a essa concepção de mundo, à medida que defende que “todo o conhecimento das coisas extraído do mero entendimento puro ou da razão pura não é nada mais do que aparência, e apenas na experiência há verdade” (*Prol 4*: 374). O que leva à questão: como essa fórmula se unifica com a frase de que os objetos se orientam segundo nossos conceitos? A solução encontra-se, segundo Lange, na análise da própria experiência, na qual deve ser demonstrado um fator conceptual (intelectual) que não advenha dos objetos externos, mas do próprio sujeito.

Lange inicia a análise da experiência, em lato sentido, apresentando a distinção entre juízo analítico e sintético e, posteriormente, entre o *a priori* e o *a posteriori*, conforme a introdução da *Crítica da razão pura*. Para esclarecer o primeiro binômio, Lange serve-se da caracterização kantiana de juízos de esclarecimento e de juízos extensivos, e enfatiza a natureza ampliativa dos juízos sintéticos em contraposição aos juízos analíticos¹³. Seguindo Lange, o campo de investigação de Kant encontra-se nos juízos sintéticos. De que haja juízos sintéticos *a posteriori*, não se duvida. O que se questiona é se todos os juízos são derivados da experiência ou há também juízos sintéticos *a priori*? De acordo com Lange, o cético e o empírico responderiam: de forma alguma há juízos sintéticos *a priori*. Caso eles tivessem êxito em provar a verdade de

¹³ Vale registrar que a caracterização de Lange sobre o juízo *a priori* é rapidamente divergente do texto kantiano. Segundo o intérprete, um juízo *a priori* pode se apoiado indiretamente na experiência, porém não como juízo, mas somente na medida em que um dos seus componentes são conceitos da experiência. Dessa forma, seria possível um juízo analítico *a priori*, no qual o sujeito teria sido extraído da experiência. Todavia, ocorre que Kant pretende, como o faz ao final do item I da introdução da *Crítica da razão pura*, justamente demarcar a sua concepção de *a priori* frente àquela aceção ordinária, empregando, para tanto, a expressão *a priori* puro (*KrV B 3*) para designar o que totalmente independente de qualquer elemento empírico.

sua negação, conforme o intérprete, não haveria espaço nem para o idealismo transcendental e nem para o materialismo dogmático, posto que esse último constrói sua teoria sobre o axioma da compreensibilidade do mundo, o qual não passa de um princípio da ordem nos aparecimentos. No entanto, o materialismo poderia abdicar ter provado os últimos fundamentos de todos os aparecimentos. Ele teria assim renunciado sua “essência” original, porém, em conexão com o cético e empirismo formal, ameaçaria seriamente todos os demais esforços filosóficos.

3. Da natureza dos princípios da matemática enquanto contraponto ao materialismo

Contra essa ameaça, segundo Lange, Kant conta com uma aliada importante: a matemática, cujos juízos são todos sintéticos *a priori*, diferentemente do que defendera, por exemplo, Hume, o qual, embora admita a força de demonstração da matemática, entende que ela é formada somente por juízos analíticos, assentados sobre o princípio de não contradição. De acordo com Kant, esse é o caso de somente algumas proposições básicas que os geômetras pressupõem e que são utilizadas somente enquanto proposições idênticas na sequência do método, mas não enquanto princípios. Elas, ainda que possam ser válidas segundo meros conceitos, apenas são admitidas na geometria por poderem ser apresentadas na intuição (*KrV* B16-7), por meio da qual é possível a síntese do predicado com o sujeito.

Com o propósito de evitar mal-entendidos em Kant¹⁴ é necessário distinguir, segundo Lange, duas formas de síntese. Uma forma seria a representação de um objeto na intuição (*Anschauung*), utilizada, por exemplo, para validação de proposições matemáticas. Nisto encontra-se, para Lange, propriamente a prova de aprioridade da matemática (Lange, 1866, 247). Nesse caso, as proposições matemáticas, tão logo são demonstradas através da intuição, são ligadas com a consciência (*Bewusstsein*) de sua universalidade e de necessidade incondicionada. Outra seria a experiência (*Erfahrung*) a partir de dados empíricos, que pode ser refutada, a qualquer momento, por outra

¹⁴ Na primeira edição do *História do materialismo* Lange afirma que John Stuart Mill confunde intuição e experiência, e não repara na grande quantidade de juízos sintéticos da geometria que extraem sua força de demonstração diretamente da intuição (Lange, 1866, 247). Essa passagem foi suprimida na segunda edição. Similar confusão entre intuição e experiência havia sido feita também, segundo Lange, por Friedrich Ueberweg, em suas considerações sobre as construções auxiliares na geometria no seu livro “Sistema da lógica a história da doutrina lógica” (1857).

experiência. As proposições desta última não podem ser estabelecidas enquanto verdades absolutas, mas somente enquanto relativas¹⁵. Conforme Lange, os conhecimentos *a priori*, assim como os da experiência, desenvolvem-se no homem de maneira regular e a partir de sua natureza. O que qualifica o conhecimento *a priori* é meramente sua ligação com a consciência da universalidade e necessidade, e por sua validade não depender da experiência empírica¹⁶.

Na abordagem da aprioridade da matemática, a principal preocupação de Lange é destacar a necessidade incondicionada nos juízos matemáticos e a origem da consciência dessa necessidade. O que implica em explicar porque, por exemplo, o geômetra desenvolve suas proposições com a ajuda da intuição em figuras, sem atentar totalmente para os corpos empíricos, tendo junto consigo a convicção de que nunca e em nenhum lugar possa surgir um objeto na experiência que contradiga essas proposições. Conforme Lange, tal consciência da necessidade incondicionada está conectada a nossa concepção da natureza das faculdades de conhecimento. A intuição de espaço, com suas qualidades básicas que lhe pertencem, por exemplo, é um produto de nosso espírito no ato da experiência e, em virtude disso, pertence igual e necessariamente a toda a experiência possível. Neste quadro, a consciência da necessidade é precedida da universalidade. Essa consciência não surge da experiência, ainda que ela desenvolva primeiramente com a experiência, ou melhor, por ocasião da experiência. A concordância entre nossa representação e os dados sensoriais se dá através da própria estrutura do nosso espírito, no qual todas as representações devem conectar-se com a percepção advinda de fora.

Lange defende a natureza sintética da matemática contra defensores de que as proposições aritméticas são analíticas. Seguindo Kant, argumenta que todas as

¹⁵ As teorias das ciências exatas, segundo Lange (1875, 14), ganhariam muito em precisão, se tivessem sempre presente, tanto nas primeiras proposições quanto nas proposições mais avançadas, as condições nas quais adquiram os seus conhecimentos.

¹⁶ Lange dedica um considerável espaço dentro de sua análise da filosofia kantiana, a partir da segunda edição da *História do materialismo*, para o exame da aprioridade da matemática e da natureza sintética dos juízos matemáticos. No que se refere ao primeiro item, Lange serve da discussão entre, por um lado, William Whewell (1794-1866), que defende a aprioridade da matemática e a origem de sua necessidade a partir de elementos *a priori* atuantes (as condições e a forma do nosso conhecimento) e, por outro lado, John Stuart Mill (1806-1873), que se contrapõe a essa teoria. Já quanto ao segundo item, Lange discute com as posições de matemáticos e filósofos alemães de sua época, entre eles, Robert Zimmerman (1824-1898) e Friedrich Ueberweg (1826-1871). Dado que a apresentação das posições destes autores não contribuirá diretamente à caracterização da posição de Lange frente a Kant e ao materialismo, me ative apenas expor a posição de Lange sobre esses temas.

demonstrações matemáticas, incluindo as proposições e construções auxiliares introduzidas na prova, precisam ser representadas na intuição, ainda que seja somente para verificar sua possibilidade. De acordo com Lange, embora se possa admitir que a diferença entre juízos analíticos e sintéticos seja relativa para o sujeito emissor de juízos, de forma que um juízo, conforme as propriedades e a capacidade de representação desse sujeito, possa ser analítica ou sintética, não se pode retirar através de nenhuma abordagem científica do conceito de número a natureza sintética da aritmética¹⁷.

Diferentemente do que entendem alguns empiristas, para Lange, a experiência não é um portão aberto, através do qual os objetos externos, como eles são, podem imigrar em nós. A experiência é antes um processo por meio do qual os aparecimentos das coisas se formam em nós. Claro está que a geração/estabelecimento da experiência é totalmente diferente de uma ilação resultante da experiência. O fato de que nós podemos apreender por experiência é, segundo o intérprete, condicionada através da “organização do nosso pensar”. Ela nos conduz a distinguir as “características particulares nas coisas e a conceber sucessivamente o que está inseparável e simultaneamente fundido na natureza, transcrevendo-os em juízos com sujeitos e predicados” (Lange, 1875, 28). Essa organização não somente é anterior à experiência, porém, condição da experiência. Nada além do que procurar essas primeiras condições de toda a experiência no pensar e na sensibilidade seria a próxima tarefa da *Crítica da razão pura*.

Uma vez provado, através do exemplo da matemática, de que o nosso pensamento está realmente em posse de conhecimentos *a priori*, Kant pretendia, segundo Lange, demonstrar que em cada ato do conhecer elementos apriorísticos atuam, os quais determinam de ponta a ponta a nossa experiência. A possibilidade de juízos sintéticos *a priori* se dá, conforme a interpretação de Lange, pelo fato de em todo o conhecimento se encontrar um fator, o qual, por isso, não é contingente como as impressões externas, porém necessário e, sobretudo, constante. Por meio de sua concepção “organização física-psíquica” Lange trará alguns novos aspectos na

¹⁷ O que se poderia fazer, segundo Lange, é apenas trazê-la para outro lugar ou reduzi-la em algum grau. Aqui Kant teria, para o intérprete, cometido um erro ao afirmar que há uma quantidade infinita de proposições sintéticas sobre fórmulas numéricas, sendo que o número delas dependeria muito mais do sistema de números (Lange, 1875, 120, n. 17).

determinação kantiana da relação entre intuição e conceito, da sensibilidade e entendimento, tema a ser explorado em outra ocasião.

Considerações finais

A filosofia kantiana ocupa na *História do materialismo* um lugar de destaque. Lange divide a sua pesquisa sobre história do materialismo em “antes” e “depois” de Kant, recorrendo a pressupostos kantianos para criticar o materialismo ético e, sobretudo, o materialismo das ciências naturais. Diferentemente do que se possa imaginar, Lange não retoma as obras kantianas de ambos os domínios envolvidos: teóricos e práticos. Ele privilegia os resultados alcançados por Kant na *Crítica da razão pura*, inclusive no que se refere à ética. Segundo Lange, o significado da reforma operada por Kant na filosofia encontra-se em sua crítica à razão especulativa, sendo que a filosofia prática consistiria na parte mais vulnerável e mudável da filosofia kantiana. O significado que permanece do criticismo para ética estaria também nesta obra de 1781, por possibilitar o surgimento de um sistema definido para as ideias éticas (Lange, 1875, 2).

O elemento decisivo para Lange em Kant é a inversão do prisma vigente da metafísica. Apoiado na “revolução copernicana”, operada na forma de pensar a relação entre sujeito e objeto, em que objetos se orientam conformem os conceitos e não o inverso, Lange defende que os elementos da pesquisa da ciência da natureza – a matéria, o átomo, as forças e os princípios mecânicos – têm suas raízes e suas existências na organização físico-psíquica dos homens. Donde decorre-se que os objetos da experiência são somente nossos objetos; que toda a objetividade não é a objetividade absoluta, porém, uma objetividade para os seres humanos e seres similares; e que, atrás do mundo do aparecimento, se esconde a coisa-em-si (Lange, 1875, 3).

Com a proposta de retomar a filosofia kantiana, Lange pretende combater o materialismo “ingênuo” de sua época e, junto com ele, a pretensão de criar um sistema que explique os elementos que estão além do campo das ciências naturais. No seu lugar, Lange defende um idealismo crítico não ortodoxo, o qual o intérprete admite enquanto uma ferramenta frutífera de pesquisa no domínio dos aparecimentos e somente nele, não devendo ser usado para explicar o domínio do ideal. É através de tal postura crítica que Lange, em boa parte, determina as suas próprias concepções. No caso da filosofia

kantiana, ela perfaz a base da posição langeriana da teoria do conhecimento – tanto para o “mundo dos aparecimentos” quanto no “mundo do ideal”.

Referências

ARNOLDT, E. (1870). Kants transzendente Idealität des Raumes und der Zeit. Für Kant, gegen Trendelenburg. *Altpreußische Monatsschrift*. Königsberg, Vol. VII.

BAYERTZ, K.; GERHARD, M.; JAESCHKE, W. (2012). *Der Materialismus-Streit*. Hamburg: Felix Meiner Verlag.

BERDJAEV, N. (1900). Friedrich Albert Lange und die kritische Philosophie in ihren Beziehung zum Sozialismus. *Die neue Zeit*. Stuttgart, 2. Bd., Heft 32, 132-140.

BERNSTEIN, E. (1892). Zur Würdigung von Friedrich Albert Lange. *Die neue Zeit*. Stuttgart, 2. Bd., Heft 29, 68-78.

COHEN, H. (1871). *Kants Theorie der Erfahrung*. Berlin: Ferdinand Dümmler.

_____. (1902). Biographisches Vorwort und Einleitung mit kritischem Nachtrag in zweiter, erweiterter Bearbeitung von Hermann Cohen. LANGE, F. A. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart* (2. Auflage). Leipzig: Baedeker.

ELLISSEN, O. A. (1894). *Friedrich Albert Lange: Eine Lebensbeschreibung*. Leipzig: Baedeker.

FREIMUTH, F. (1995). *Friedrich Albert Lange – Denker der Pluralität: Erkenntnistheorie, Pädagogik, Politik*. Frankfurt am Main: Peter Lang.

JACOBSEN, B. (1999). *Max Weber und Friedrich Albert Lange. Rezeption und Innovation*. Wiesbaden: Deutscher Universität-Verlag.

KANT, I. (1902 ss). *Kant's gesammelte Schriften*. Hrsg. von der Königlich Preussischen, bzw. der Deutschen Akademie der Wissenschaften (Ak.), Berlin *et alia*.

KÖHNKE, K. C. (1986). *Entstehung und Aufstieg des Neukantianismus. Die deutsche Universitätsphilosophie zwischen Idealismus und Positivismus*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

LANGE, F. A. (1865). *Die Grundlegung der mathematischen Psychologie. Ein Versuch zur Nachweisung des fundamentalen Fehlers bei Herbart und Drobisch*. Duisburg: Falk & Volmer.

_____. (1866). *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart* (1. Auflage). Iserlohn: Baedeker.

_____. (1873-5). *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart* (2. Auflage). Iserlohn: Baedeker.

_____. (1877). *Logische Studien. Ein Betrag zur Neubegründung der formalen Logik und der Erkenntnistheorie*. Iserlohn: Baedeker.

LIEBMANN, O. (1865). *Kant und die Epigonen*. Stuttgart: Carl Schober.

RUSSELL, B. (1925). Introduction: materialism, past and present. LANGE, F. A. *The history of materialism*. London: Routledge and Kegan Paul.

SALAUARDA, J. (1978). Nietzsche und Lange. *Nietzsche-Studien*, Berlin/New York, Band 7, 236-260.

SASS, H.-M. (1975). Der Standpunkt des Ideals als kritische Überwindung materialistischer und idealistischer Metaphysik. KNOLL & SCHOEPPS. *Friedrich Albert Lange Leben und Werk*. Duisburg: Walter Braun, 188-206.

SCHLEIDEN, J. M (1863). *Über den Materialismus der neueren deutschen Naturwissenschaft, seine Wesen und seine Geschichte*. Leipzig: Engelmann.

SCHOPENHAUER, A. (1987). *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Berlin/Wien: Tillgner.

SIEG, U. (1994). *Aufstieg und Niedergang des Marburger Neukantianismus*. Würzburg: Königshausen & Neumann.

STACK, G. (1983). *Lange and Nietzsche*. Berlin/New York: Walter de Gruyter.

_____. (1991). Kant, Lange, and Nietzsche: critique of knowledge. PEARSON, KEITH ANSELL (org.) *Nietzsche and modern german thought*. London/New York: Routledge.

TWESTEN, C. (1863). *Schiller in seinem Verhältnis zur Wissenschaft*. Berlin: Guttentag.

VAIHINGER, H. (1922). *Die Philosophie des als ob. System der theoretischen, praktischen und religiösen Fiktion der Menschheit auf Grund eines idealistischen Positivismus*. Leipzig: Felix Meiner.